



O TUIUTI

INFORMATIVO



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

520 anos do Descobrimento do Brasil – 440 anos da União das Coroas Ibéricas – 270 anos do Tratado de Madri – 180 anos da Maioridade de Dom Pedro II – 150 anos do final da Guerra do Paraguai – 90 anos da Revolução de 1930 – 75 anos da vitória da FEB na Itália

ANO 2020

Janeiro

Nº 340

A Missão indígena no Exército Brasileiro

Luiz Ernani Caminha Giorgis

No processo de reforma que o Exército brasileiro vinha sofrendo, sentiu-se a urgência de melhorar a formação de oficiais da Escola Militar do Realengo.

A jovem oficialidade, cheia de entusiasmo pela profissão militar e ante a possibilidade de o Brasil ser envolvido na guerra, queria aplicar os novos conhecimentos surgidos na arte militar.

Tiveram papel significativo nesse contexto, os Generais José Caetano de Faria, Antônio Geraldo de Souza Aguiar, Bento Ribeiro, Augusto Tasso Fragoso e Cardoso de Aguiar.

Em 1917, os dirigentes do Exército adotaram duas providências efetivas para a modernização da instrução militar:

- criaram o Centro de Instrução e Aperfeiçoamento de Infantaria, que serviu inicialmente para a formação dos Sargentos Instrutores dos Tiros de Guerra, e mais tarde foi transformado na Escola de Sargentos de Infantaria.
- estabeleceram pela primeira vez um concurso para a seleção de um quadro de instrutores para a Escola Militar do Realengo.

Esses fatos deram origem à “Missão Indígena” (designação informal adotada para confrontar possível contratação de uma missão militar estrangeira).

Ao receber em 1919 a apresentação do primeiro grupo de instrutores da Escola Militar, o Chefe do Estado-Maior do Exército, Marechal Bento Ribeiro, disse.

"Pela primeira vez este Estado-Maior teve intervenção na escolha dos instrutores da Escola Militar e foi minha preocupação única servir ao ensino prático dos futuros oficiais, como há muito já deveria ter sido feito. (...) Muitos e distintos oficiais têm passado pela Escola Militar como instrutores e ainda agora alguns de lá saem, mas é de justiça afirmar que nunca o corpo de instrutores da Escola Militar atingiu o grau de homogeneidade que hoje assume com grande esperança para o ensino profissional. (...)”.

Concomitantemente ao recrutamento dos novos instrutores, foi nomeado comandante da Escola Militar do Realengo o Coronel Eduardo Monteiro de Barros.

Soldado de poucas palavras e muita ação, bem compreendeu a missão de orientar e apoiar o novo corpo de instrutores, segundo as ideias renovadoras preconizadas pela alta administração do Exército.

Monteiro de Barros, verdadeiro líder da “Missão Indígena”, soube empenhar todas as suas forças no aperfeiçoamento da instrução daquela Escola.

Coordenando a atuação do corpo de instrutores, realizou autêntica revolução no ensino militar.

Sentiu-se a atuação da “Missão Indígena” no período 1919-1922, antes mesmo de começarem a colhidos os primeiros resultados da Missão Militar Francesa.

(Texto a ser publicado no livro:

MUXFELDT, Virgílio Ribeiro; GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. O Exército Republicano. Porto
 gre: Renascença, 2022 (em elaboração)

[illegible]

Algumas expressões de uso militar (letra A)

Aboletar: alojar ou aquartelar tropa em casa de particulares por requisição (boleto) da autoridade.

Açucena: receptáculo ou soquete que recebe o penacho a ser colocado na barretina ou outro tipo de cobertura de uso militar.

Adarme: unidade de peso arcaica, equivalente a 1,8 gramas. Em armamento antigo, o calibre da arma medido pelo peso em adarmes do projétil esférico de chumbo disparado.

Adarmeira: ferramenta usada para medir o diâmetro de um cano de arma ou de um projétil de arma portátil.

Agulha: vários tipos de estilete usados em bocas de fogo, para romper o cartucho, permitindo o disparo e para limpar o ouvido da boca de fogo.

Alabarda: combinação entre machado e a lança, consistindo de uma haste longa, terminada em ponta, tendo esta uma lâmina e gancho perpendiculares.

Alfageme: fabricante, polidor ou vendedor de armas brancas. O mesmo que espadeiro.

Alma oblonga: tipo de arma em que a alma era mais larga do que alta.

Alma: vazio interior, cilíndrico, liso ou raiado das armas de fogo, destinado a receber a carga, resistir aos gases produzidos pela combustão da pólvora e dirigir o projétil.

Anadel: comandante (capitão) de besteiros. O anadel-mor era o comandante geral da força.

Antecarga: arma carregada pela boca.

Aparelhador: no Arsenal de Guerra, membro da mestrança que orienta os trabalhos dos artesãos, sob a direção do mestre e do contramestre.

Aparelho de navio: conjunto de cabos, roldanas e velas de um navio.

Aprendiz menor: no Arsenal de Guerra, membro de uma das Companhias de Aprendizes Menores, formada por menores de 12 a 18 anos, que aprendiam um ofício na instituição, recebendo também treinamento militar.

Arcabuz: arma de fogo, espécie de espingarda, o equivalente do fuzil moderno.

Arcabuzeiro: soldado de infantaria armado com arcabuz.

Armão: carro dianteiro (avantrém) ao qual é engatado o reparo da peça de campanha. O mesmo que viatura-munição ou qualquer viatura do parque de artilharia hipomóvel.

Arranchado: regime administrativo em que o militar é alimentado por conta do Estado, quando aquartelado ou em campanha.

Artífice do fogo: praça especializado na manufatura de artefatos pirotécnicos. Originalmente teria a graduação de 2º sargento, mas isso deixou de ser a prática no Império.

Artífice: homem ou mulher que sabe e professa alguma arte mecânica. Soldado das Companhias de Artífices, tropa do exército formada por soldados com habilitação para exercer ofícios mecânicos.

